



nara roesler

cosmos — outras cartografias

curadoria laura vinci
e núcleo curatorial nara roesler

alfredo jaar
anna bella geiger
ana linnemann
andré vargas
arjan martins
brígida baltar
carlos bunga
carlos motta
jaime lauriano
jonathas de andrade
laura vinci

marcelo silveira
marina camargo
nelson felix
nelson leirner
paulo bruscky
paulo nazareth
rivane neuenschwander
runo lagomarsino
talles lopes
vanderlei lopes

abertura

6 de fevereiro, 2025

exposição

6 fev – 15 mar, 2025

cosmos – outras cartografias

laura vinci

Johannes Kepler, astrônomo imperial de Praga, escreveu um pequeno livro, editado postumamente em 1634, que se chamou *Sonho*. História de um garoto que foi catapultado da Terra em direção à Lua por sua mãe feiticeira. De lá, ele descreve a impactante visão da Terra em movimento. Enxerga os contornos da Espanha como o rosto de uma menina que se inclinasse em direção à Argélia, querendo beijá-la. O gesto é acentuado pelas posições da Itália e da Inglaterra, que aparecem ao garoto como os braços da menina.

Corriam intensas, àquela altura, as discussões terrenas sobre se o planeta girava em torno de si ou não, se era o centro do Universo ou se orbitava em torno do Sol. Ejetado pela própria mãe – a bruxa sabida que condena seu filho, como uma nave, a atravessar as fronteiras cristalinas do mundo supralunar – o menino sonha, talvez pela primeira vez, a Terra desgarrada no cosmos, descentrada de seu eixo.

Em 1968, William Anders, um dos astronautas da Apollo 8, fotografa, meio sem querer, a primeira imagem da Terra vista de fora dela. A foto recebeu o bonito nome de *Earthrise*. “Ver algo assim tão delicado, parecendo um enfeite de natal, foi totalmente inesperado”, recordaria Anders anos mais tarde. Essa imagem é uma das tais fotografias que Caetano Veloso viu quando se encontrava preso na cela de uma cadeia, que descreve em sua música *Terra*. Um outro astronauta, numa missão bem mais recente, observou que a face iluminada da Terra é calma e silenciosa, e só quando entra na zona de sombra é que se percebe a frenética ocupação humana pelos acenderes das luzes das cidades.

Hoje, temos instrumentos sofisticadíssimos para medir as distâncias, as alturas, as velocidades, os ventos. Instrumentos que nos deram a ver o sonho do menino. A Terra está sendo olhada, observada e monitorada o tempo todo através dos inúmeros satélites soltos no espaço. Passamos séculos tentando nos separar dela, mesmo estando grudados a ela. Giramos com ela na impressionante velocidade de quase 1500 KM por hora, dia e noite, noite e dia, sem cessar. Somos nada sem ela.

Será que não estamos num momento de reposicionar nossas câmeras, mirando em Drummond, que viu a *Máquina do Mundo* terrena se entreabrir em calma pura na escuridão maior?

Esta exposição é um convite para imaginarmos essas possíveis posições. Ela é formada por um conjunto de artistas ligados a diferentes gerações e perspectivas e que, em algum momento de suas trajetórias, se debruçaram sobre a questão, gerando um interessantíssimo repertório imagético. Algumas obras têm uma perspectiva mais política ou geopolítica, enquanto outras enfatizam preocupações ambientais e culturais. Todas são, a seu modo, cosmopolíticas. Juntas, encorajam um diálogo sobre o mundo em que vivemos, olhando-o como se de dentro e de fora. Manipulando materiais diversos, cada aproximação gera novas configurações telúricas - outras cartografias.

Alfredo Jaar
A logo for America (Miami Beach), 2018
impressão fujiflex (six pigment prints)
40 x 61 cm (cada)



[mais sobre alfredo jaar →](#)

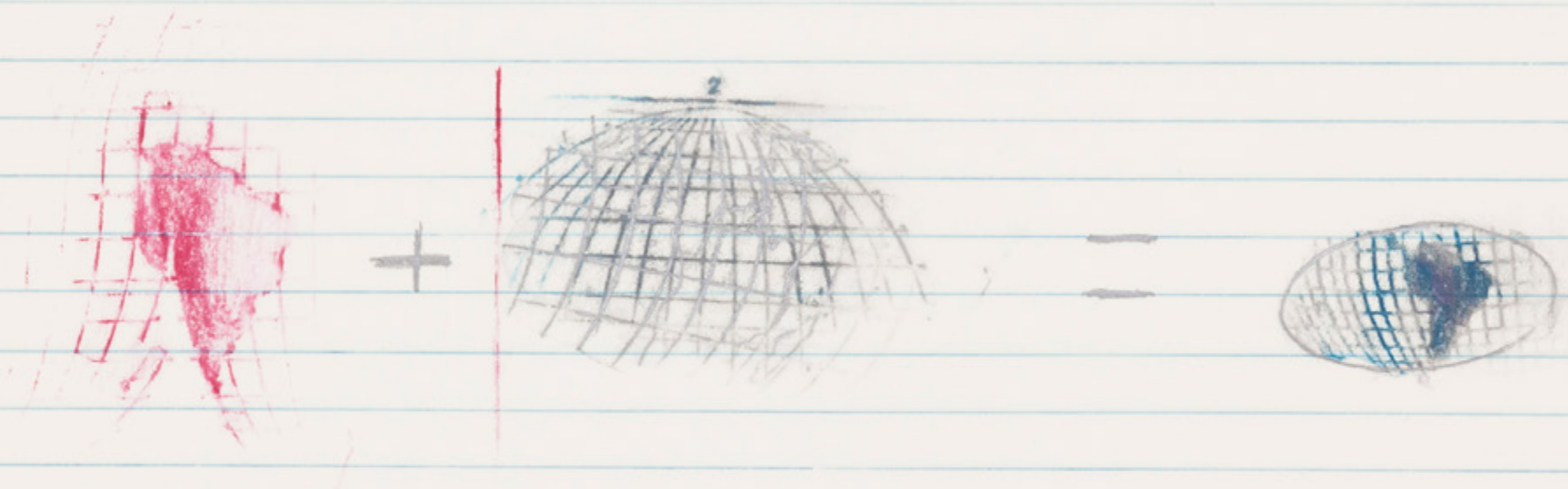


THIS IS
NOT
AMERICA

THIS IS
NOT
AMERICA

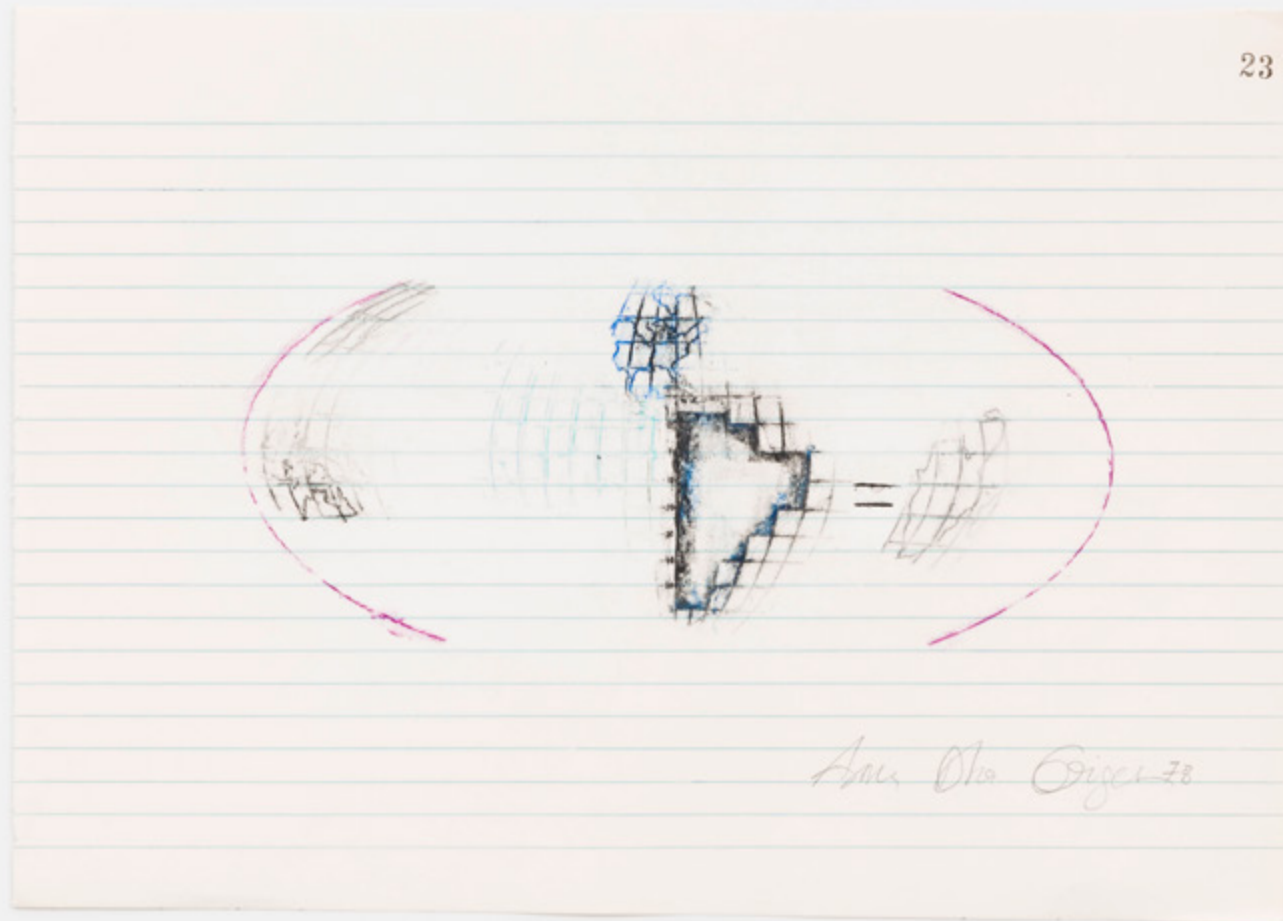
Anna Bella Geiger
Equações
(série *Rerum Artibus*), 1978
grafite e lápis de cor sobre
folha de caderno pautado
24 x 33 cm





Steve De Eigen 78

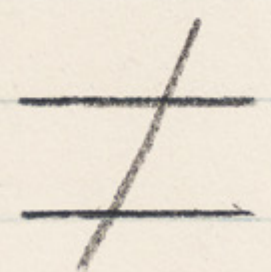
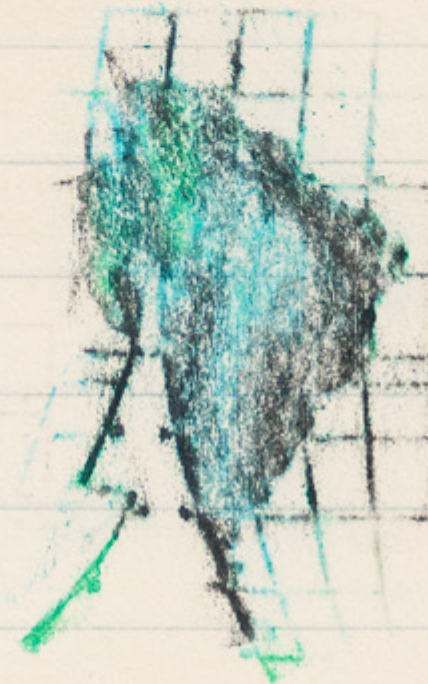
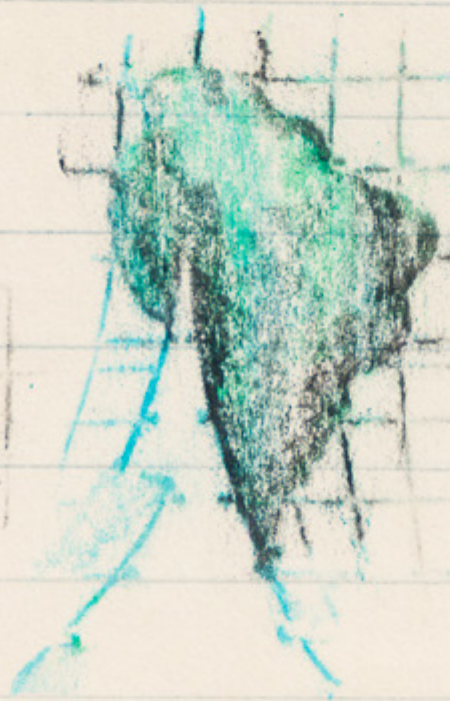
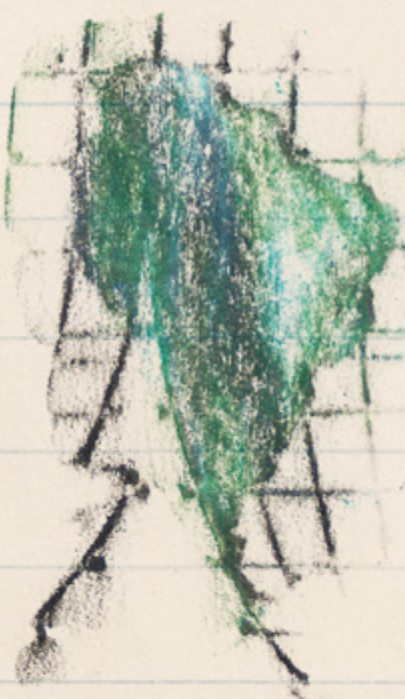
Anna Bella Geiger
Equações
(série *Rerum Artibus*), 1978
grafite e lápis de cor sobre
folha de caderno pautado
24 x 33 cm



Anna Bella Geiger 78

Anna Bella Geiger
Equações (série Rerum Artibus), 1978
grafite e lápis de cor sobre
folha de caderno pautado
24 x 33 cm





Anna Bella Geiger
Rolo ocidental com
5 mapinhas pintados a mão
em Planisférios ditos Modernos, 2016
papel de arroz, impressão
em folha de ouro, colagem,
nanquim e lápis de cor
35 x 45 x 5 cm





(1)



(2)



(3)

mais sobre anna bella geiger →

Ana Linnemann
O mundo como uma laranja (globo), 2004
plástico, fiação elétrica, lâmpada e madeira
dimensões variáveis





Ana Linnemann
*Cartoon compacto com
globos e Coca-cola*, 2013
garrafa de Coca-cola, motor,
mecanismo, eletrônica, globos
terrestres de espuma e mdf pintado
200 x 200 x 30 cm

[mais sobre ana linnemann →](#)



André Vargas
Diáspora, 2022
chinelo de borracha entalhado
10 x 22 cm



mais sobre andré vargas →



Arjan Martins
Américas, 2017
tinta acrílica sobre tela
290 x 196 x 4 cm





EXPLORER



DISCOVER TRAVEL

DISCOVER TRAVEL

CARRIAGE



Arjan Martins
Sem título, 2024
tinta acrílica sobre tela
140 x 120 x 8 cm

[mais sobre arjan martins →](#)





Brígida Baltar
América, 2010
pó de tijolo sobre papel
29 x 21 cm

[mais sobre brígida baltar →](#)

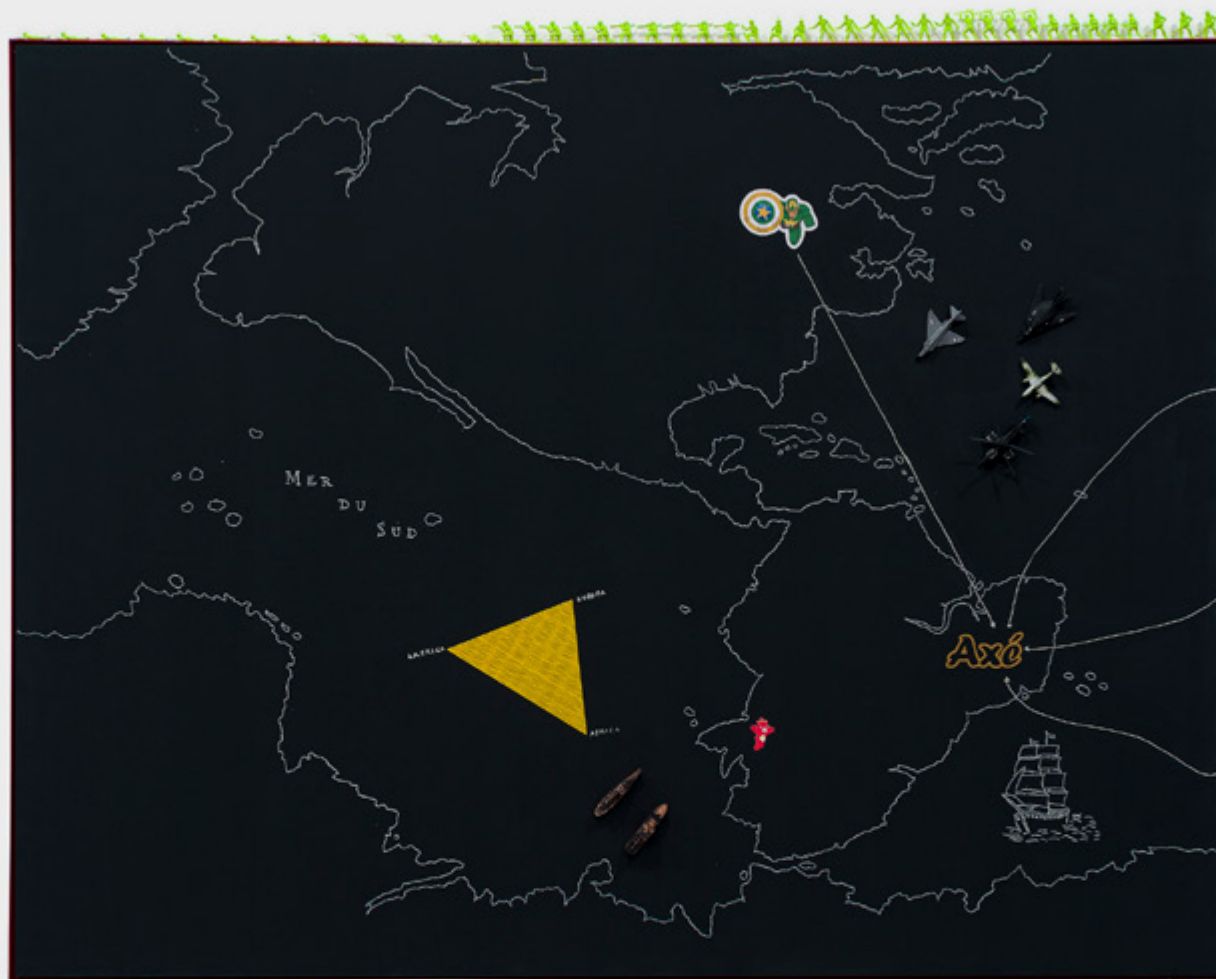
Carlos Bunga
Novos mapas # 5, 2023
cola PVA, tinta látex sobre
tapete, madeira e parafusos
95 x 152 x 4 cm



mais sobre carlos bunga →



Jaime Lauriano
*Meu sangue latino, minh'alma
cativa # 4*, 2024
tinta acrílica, adesivos, impressão
jato de tinta e estampas sobre mdf
176 x 222 x 3 cm

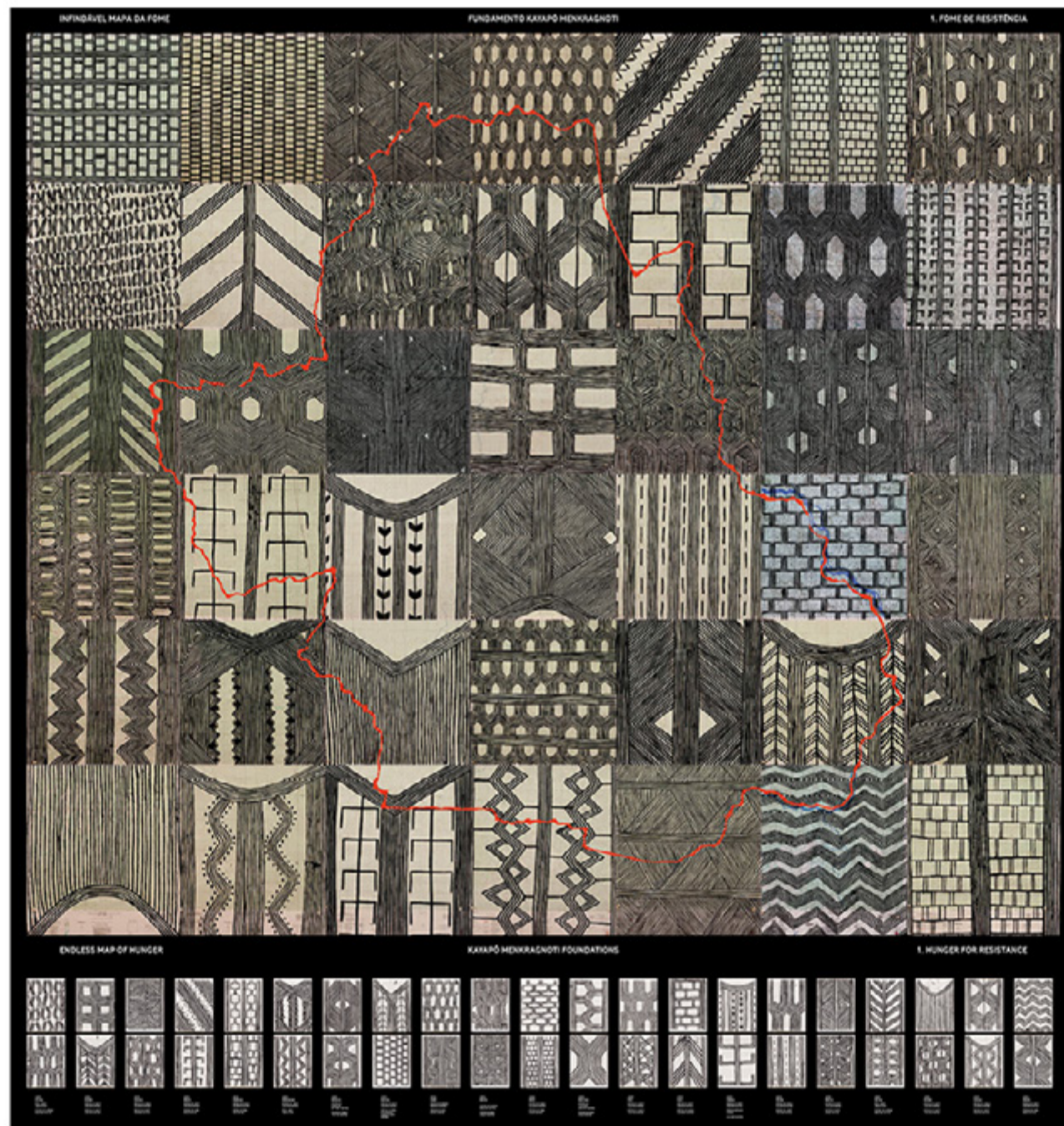




mais sobre jaime lauriano →



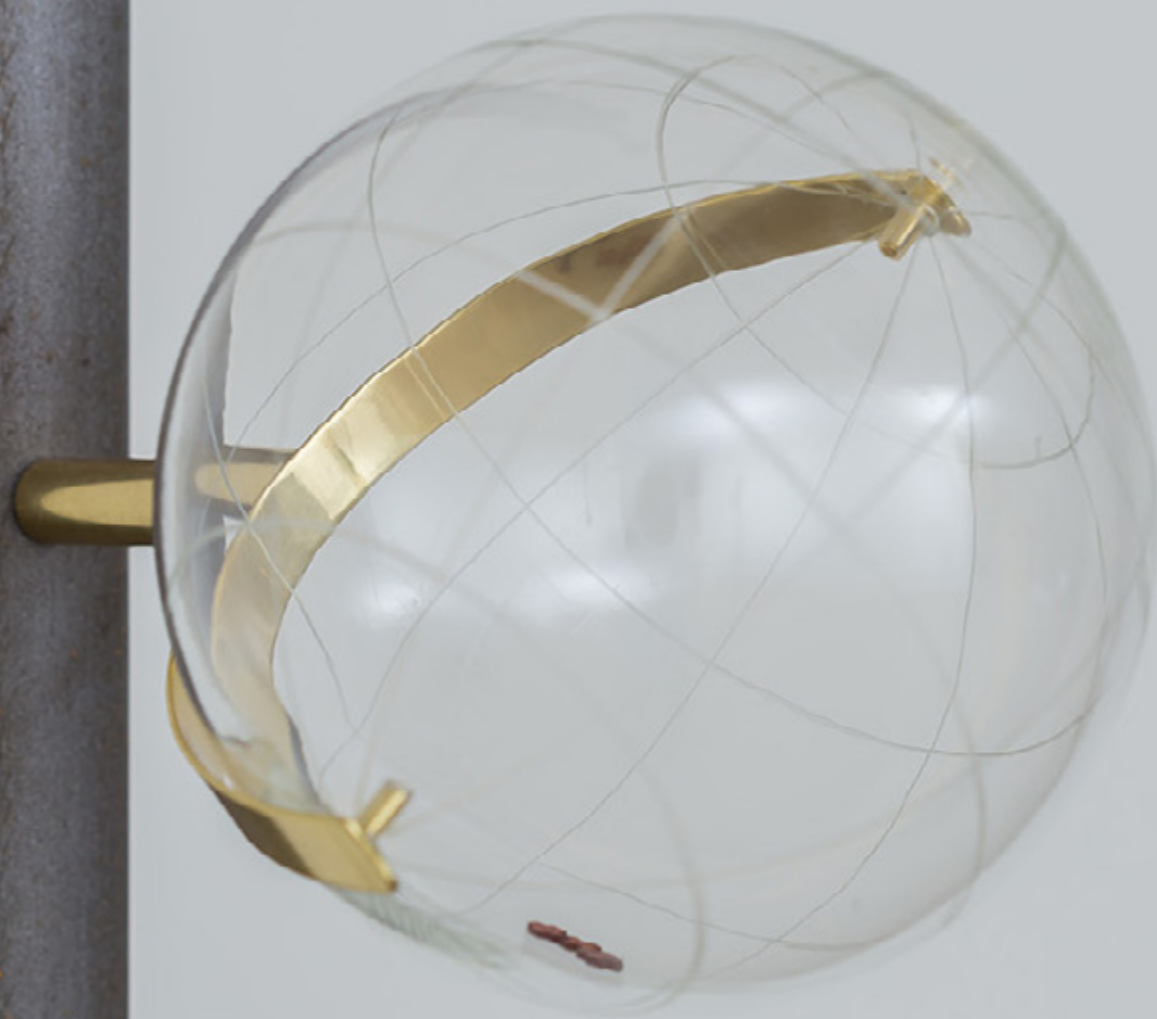
Jonathas de Andrade
em colaboração com as mulheres kayapó
Fome de Resistência - Fundamento
Kayapó Menkragnoti (série Infundável
Mapa da Fome), 2019
42 pinturas em acrílico
sobre mapa do exército
edição de 3
438 x 405,5 x 3 cm



mais sobre jonathas de andrade →



Laura Vinci
Morro Mundo I, 2017
vidro borossilicato lapidado, latão
banhado a ouro e 3 X de granada
edição de 5 + 2 PA
15 x 15 x 19 cm



Laura Vinci
Morro Mundo Peixe, 2024
vidro bisotado, latão banhado
a ouro e pedra granada
edição de 5 + 2 PA
Ø 36 cm





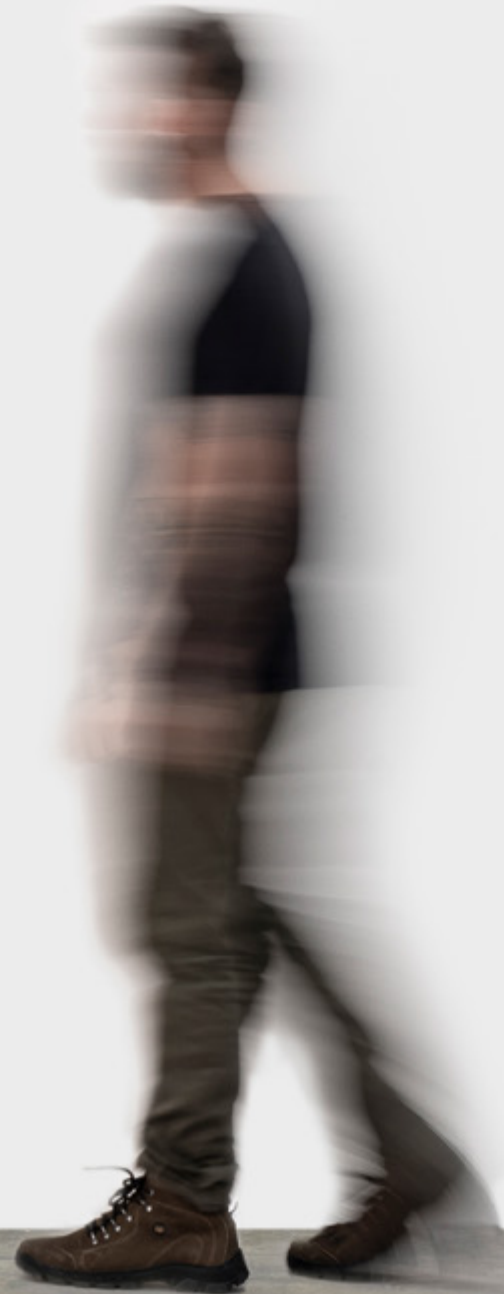
Laura Vinci
Morro mundo pin, 2020
latão banhado a ouro
edição de 5 + 2 PA
28 x 20 x 15 cm

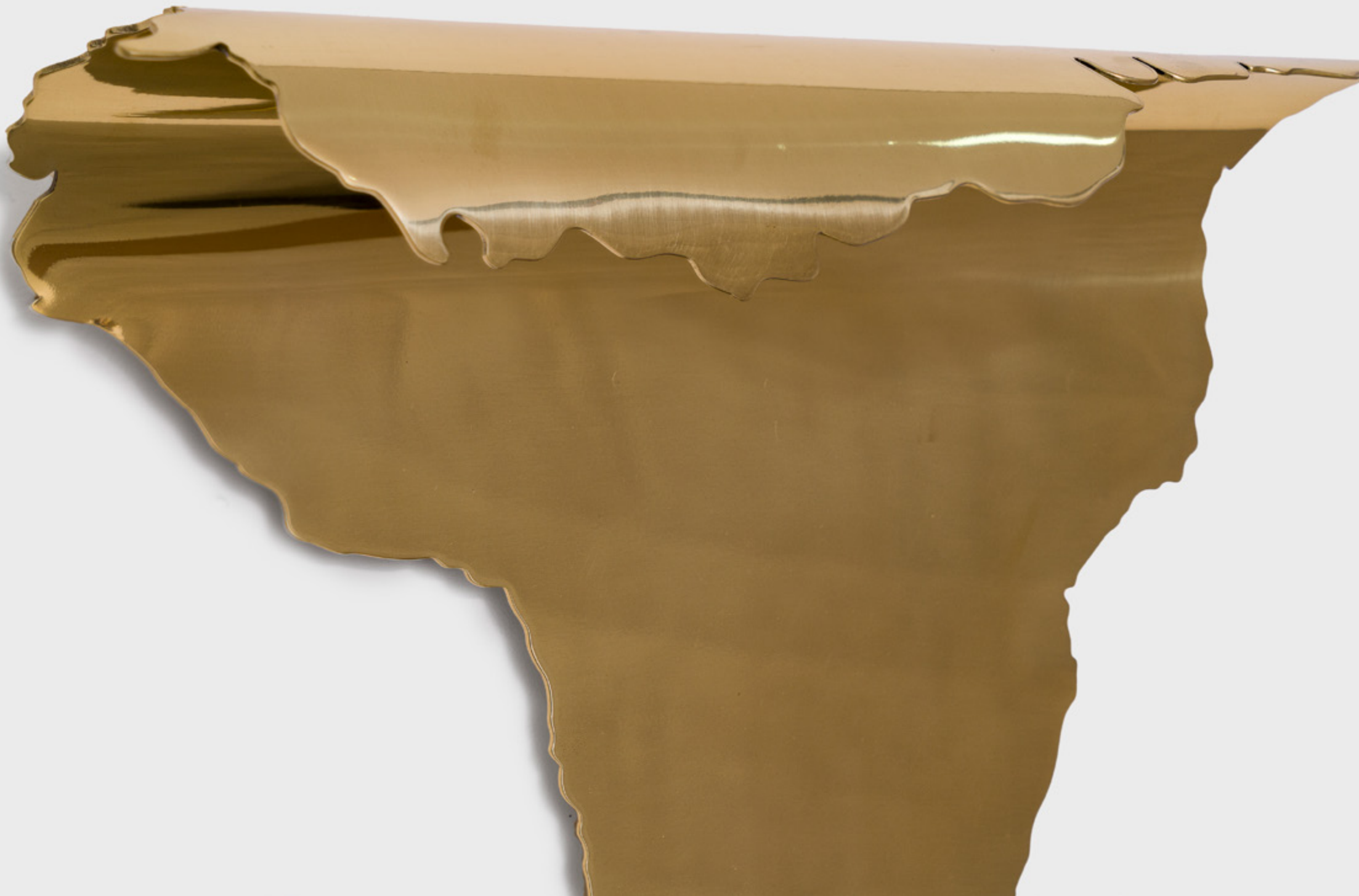




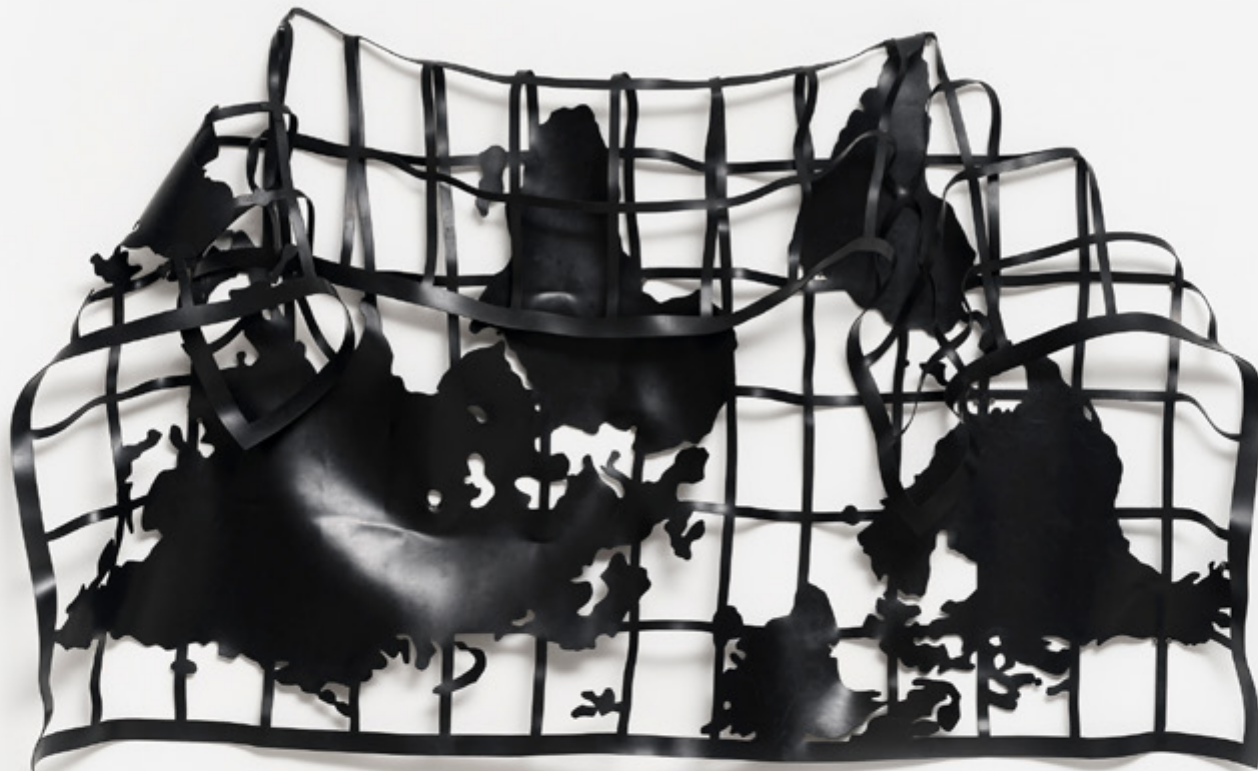
mais sobre laura vinci →

Marina Camargo
Continentes dobrados
[América do Sul], 2019
latão
42 x 42 x 10 cm



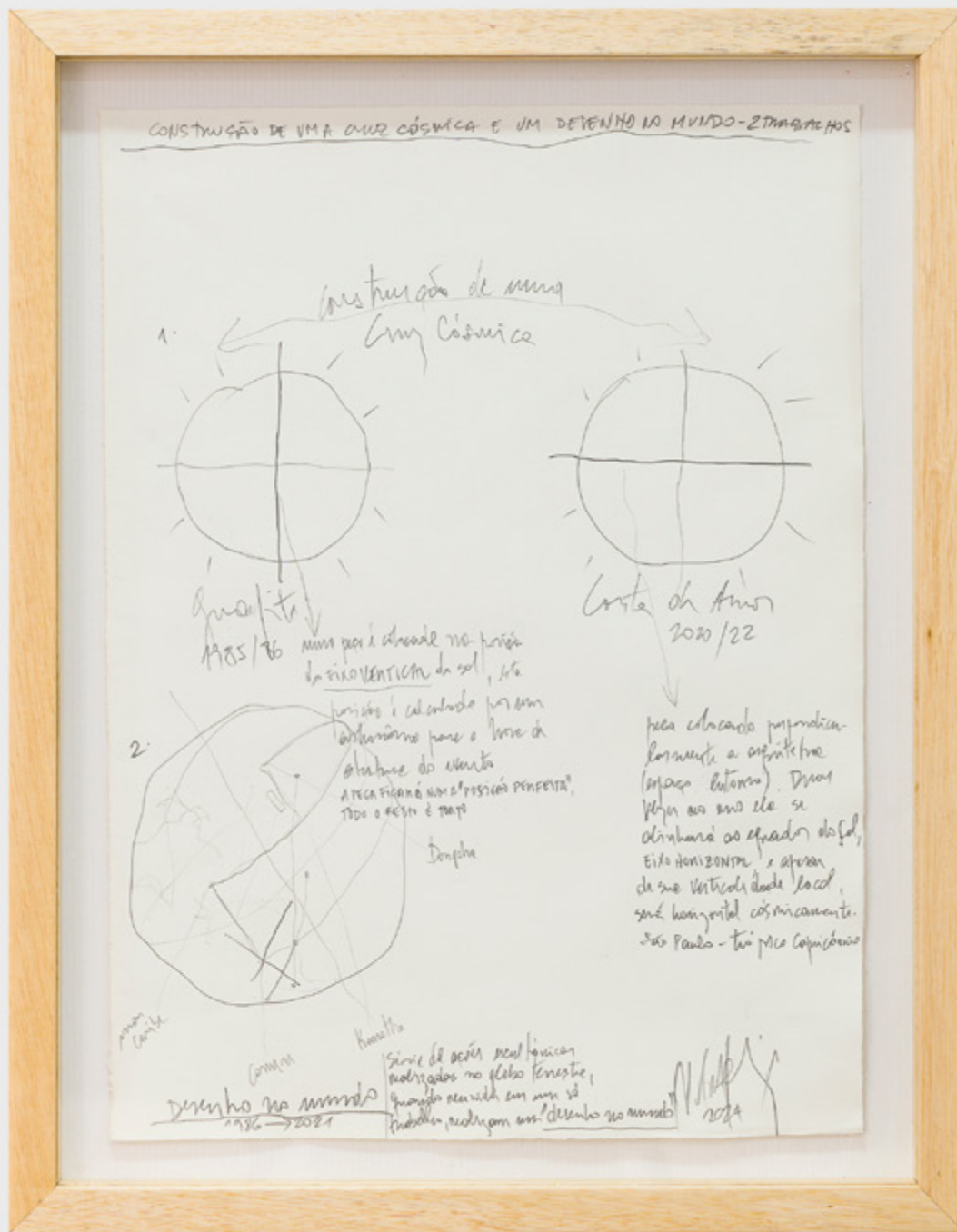


Marina Camargo
Mapa-Mole I, 2019
recorte em borracha
160 x 140 x 20 cm



mais sobre marina camargo →





Nelson Felix
*Texto 2 ou Homenagem
a Brancusi, 2022-2025*
bronze, cacto, cabo
de aço e mármore
239 x 52 x 52 cm



Nelson Felix
Verso (meu ouro, deixo aqui), 2013
caneta esferográfica, aquarela, folha
de ouro e colagem sobre papel
41 x 21 cm





mais sobre nelson felix →

vista da exposição
Cosmos — outras cartografias,
Nara Roesler São Paulo, 2025



Paulo Bruscky
O mundo foi detetizado contra arte, 2018
PVC e polipropileno
edição de 10 + 3 PA
18 x Ø 32 cm



mais sobre paulo bruscky →

Paulo Nazareth
*Sem título (Ponto branco
sobre concreto)*, sem data
concreto
16 x 41,5 x 33,5 cm





mais sobre paulo nazareth→

Rivane Neuenschwander
Contingente 2008
vídeo edição 8 + 2 PA
10' 30''



mais sobre rivane neuenschwander →

Runo Lagomarsino
*Screwed into the ground,
nailed into the past*, 2018
técnica mista sobre papel
6 x 102 x 27 cm



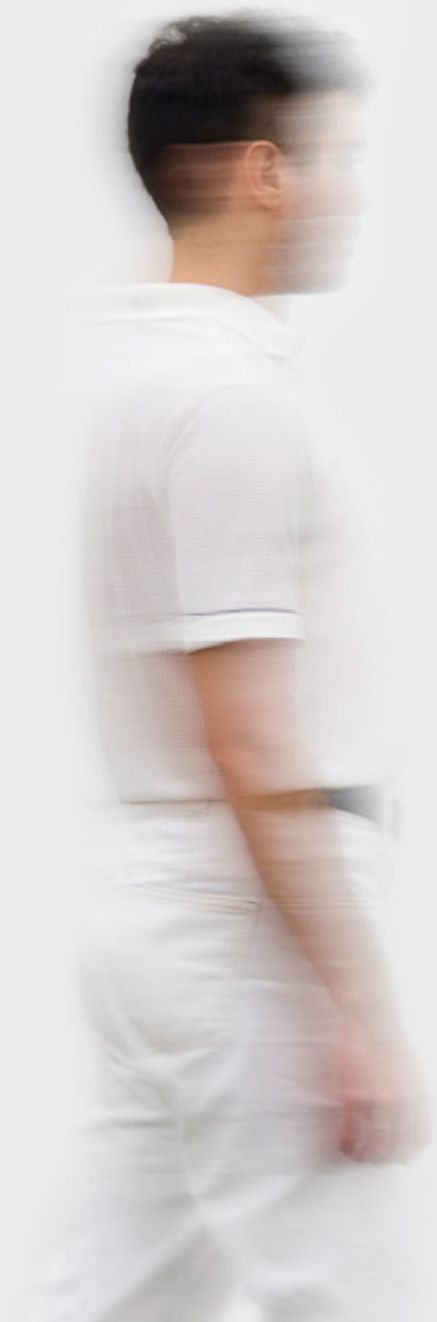
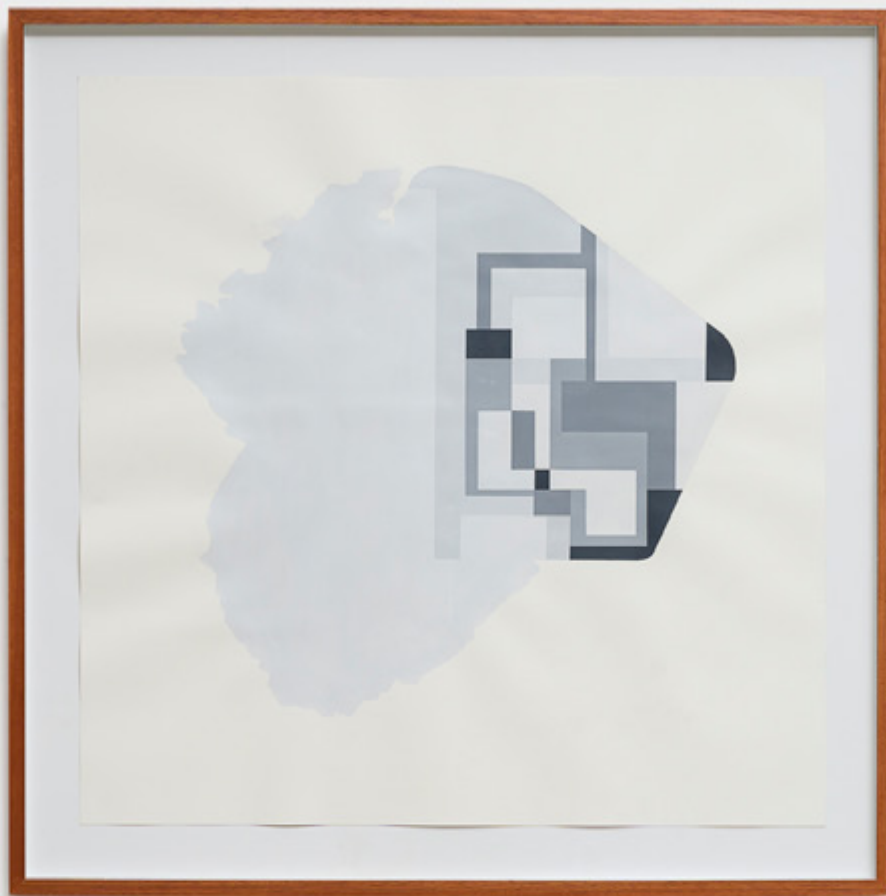
mais sobre runo lagomarsino →

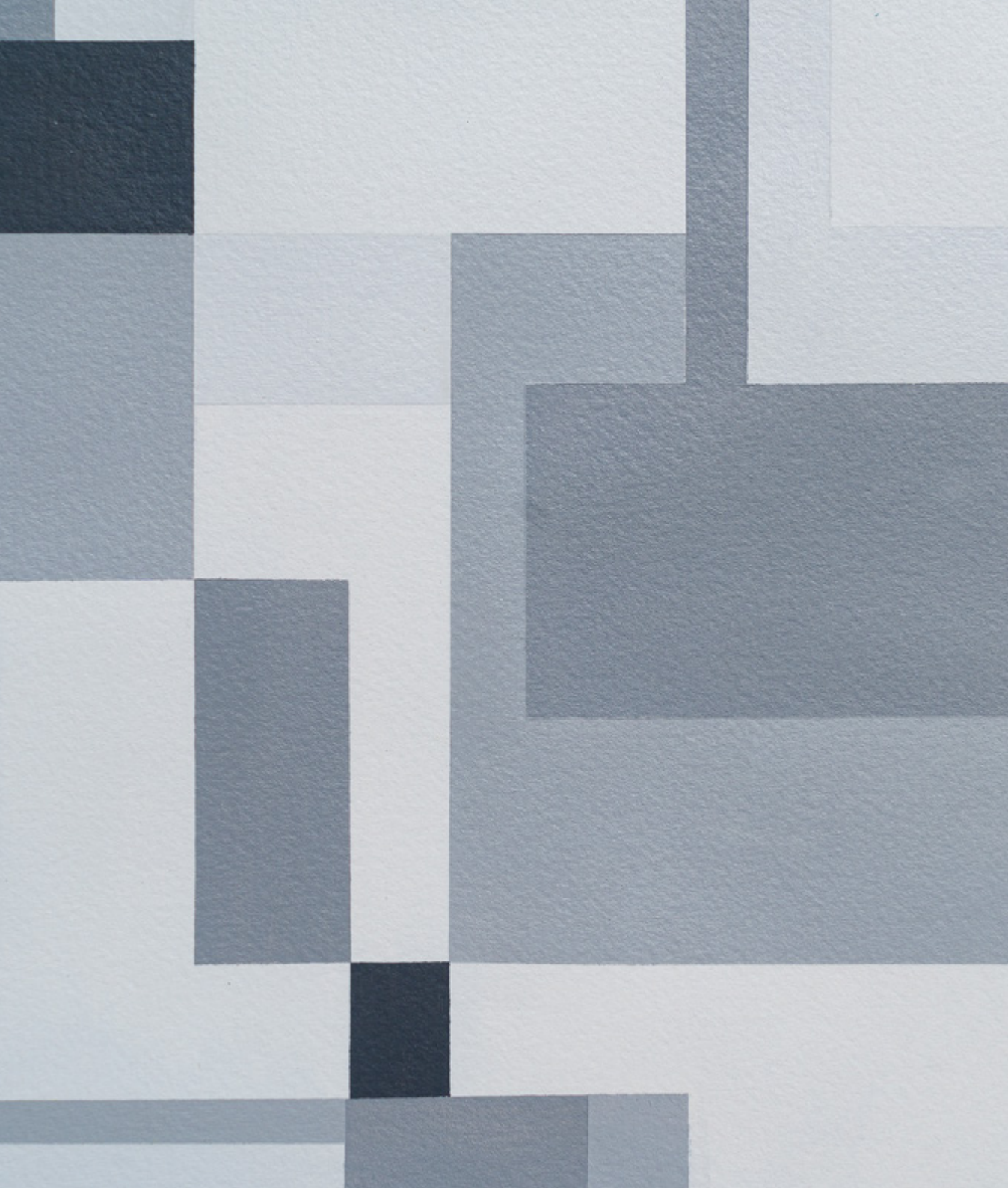
Talles Lopes
*Série Linguagem universal para
apagamentos locais (n.6)*, 2023
aquarela e nanquim sobre
papel Arches 300g
110 x 108 cm





Talles Lopes
Território aclimatado, 2024
tinta acrílica sobre papel
74 x 64 cm





mais sobre talles lopes →

Vanderlei Lopes
America is a continent, 2020
tinta guache sobre bronze
50 x 33 x 22 cm



mais sobre vanderlei lopes →



alfredo jaar

n. 1956, Santiago, Chile

vive e trabalha em Nova York, EUA

Nascido no Chile, estudou cinema e arquitetura em Santiago, tendo iniciado sua produção com obras extremamente críticas ao momento vivido pelo seu país natal, então governador pelo ditador Augusto Pinochet. Ao longo de sua trajetória, vem construindo um corpus extremamente amplo e diversificado de trabalhos, no qual um ímpeto de: “mudar o mundo”, nas palavras do próprio, perpassa e confere coerência a obras que utilizam técnicas e meios muito diferentes, frequentemente saindo do asséptico cubo branco para ocupar diretamente as ruas. Por um lado, o artista busca ser testemunha direta de episódios históricos e sociais marcantes, registrando as condições de quase escravidão dos trabalhadores das minas da Serra Pelada, os desastres humanitários em Ruanda e em Angola, ou ainda visitando campos de refugiados na Ásia. Por outro, relê e atualiza a lição de grandes pensadores políticos, como Antonio Gramsci e Pier Paolo Pasolini, cuja obra revisitou em vários momentos.

exposições individuais selecionadas

- *Alfredo Jaar - Lamento das Imagens*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2021)
- *A Logo for America*, The Cleveland Art Museum of Art, Cleveland, EUA (2017)
- Pavilhão do Chile, 55a Bienal de Veneza, Itália (2013)
- *Alfredo Jaar: Marx Lounge*, Stedelijk Museum, Amsterdam, Países Baixos (2011)
- *It is Difficult*, Hangar Bicocca, Milão, Itália (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *Língua solta*, Museu da Língua Portuguesa, São Paulo, Brazil (2021)
- 35th Panorama da Arte Brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brazil (2017)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brazil (2017)
- 10th Mercosul Biennial, Brazil (2015)
- *Travessias*, Galpão Bela Maré, Rio de Janeiro, Brazil (2013)
- 29th São Paulo Biennial, Brazil (2010)
- 4th Valencia Biennial, Spain (2007)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Chicago Art Institute, Chicago, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha

← voltar para obras

anna bella geiger

n. 1933, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Pioneira na videoarte no Brasil, Anna Bella Geiger é uma das principais representantes da arte conceitual no Brasil e América Latina. Iniciou sua trajetória com trabalhos em gravura, criando composições nas quais explorava componentes ligados à visceralidade e partes internas do corpo humano e formas orgânicas. Disso se desdobrou um impulso cartográfico, passando a artista a dialogar com mapas e representações gráficas de ordem territorial e geopolítica, fazendo assim uma abordagem poética desse tipo de linguagem.

Ao longo da década de 1970, seu trabalho assume um caráter fortemente experimental, empregando novos meios e linguagens como o vídeo, fotocópia, fotomontagem e outros, antecipando importantes debates do campo artístico e fora dele e também trazendo para sua poética aspectos políticos. O repertório material da artista se amplia ainda mais posteriormente, em especial através dos trabalhos da série *Fronteiriços*, nos quais gavetas de velhos arquivos são preenchidas com cera e Geiger insere sobre a mesma elementos que aludem a mapas, como linhas, diagramas e orbes.

exposições individuais selecionadas

- *Circumambulatio*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (2024)
- *Anna Bella Geiger: 70 anos de Arte*, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Another Energy*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2022)
- *Brasil Nativo/Brasil Alienígena*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2019)

exposições coletivas selecionadas

- *Era uma Vez Visões do Céu e da Terra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2024)
- *Where We Speak*, Kunstverein Bielefeld, Bielefeld, Alemanha (2023)
- *The Seventh Continent*, 16a Bienal de Istambul, Turquia (2019)
- *Radical Women: Latin American Art*, The Brooklyn Museum, Nova York, EUA (2018)
- *Transmissions: Art in Eastern Europe and Latin America 1960-1980*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2015)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- TATE Modern, Londres, Reino Unido
- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

[← voltar para obras](#)

ana linnemann

n. 1958, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Linnemann produz obras tridimensionais, trabalhando com técnicas como o bordado até objetos motorizados. A invisibilidade é uma das fronteiras da visualidade investigada em sua produção, ainda que de fato não exista. Essa dimensão invisível do trabalho da artista é aludida ora pela súbita mudança de estado de objetos no espaço expositivo e no espaço público, ora pela revelação do espaço interior do objeto.

Nas palavras do curador Moacir dos Anjos: “Ana Linnemann cria situações que perturbam as convenções sobre a natureza móvel de algumas coisas e a inerte de outras, afetando as coordenadas sensoriais que, partilhadas entre muitos, servem de balizas para cada um se situar e se mover em lugares os mais distintos; abre fissuras, portanto, nos consensos que existem sobre como o mundo opera”.

exposições individuais selecionadas

- *Anotações sobre a prática e outras considerações*, A Gentil Carioca, São Paulo, Brasil (2022)
- *Sem Título (Azuis e Vermelhos)*, Museu Chácara do Céu, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Cartoon Parte 2*, Centro Cultural Maria Antonia, São Paulo, Brasil (2012)
- *Os Invisíveis (9)*, Armazém Fidalgo, Rio de Janeiro, Brasil (2011)
- *Bead Beat (Contas e Quiques)*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2008)

exposições coletivas selecionadas

- *A Máquina do Mundo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *Plural Domains: Selected Work from the Cisneros Fontanals Art Foundation Collection*, Ham Museum, Gainesville, EUA (2021)
- *An Emphasis on Resistance*, El Museo del Barrio, Nova York, EUA (2019)
- *Mulheres na coleção do MAR*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2018)

[← voltar para obras](#)

andré vargas

n. 1986, Cabo Frio, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

Vargas trabalha na retomada de sua ancestralidade como forma de entender as bases das culturas linguísticas, religiosas, históricas e estéticas da brasilidade em que se insere, tendo a cultura popular como a maior indicação desse fundamento. Os subúrbios, os interiores e os demais lugares de memória pessoal e coletiva que contornam essa ancestralidade se apresentam como ponto de partida empírico de suas postulações conceituais.

Graduando em Filosofia, o artista questiona as hegemonias que indicam uma história única ao recontar e responder a sua própria história familiar, se valendo das forças religiosas que reconduzem à afrocentricidade de seus gestos. A voz, a evocação e a conversa, produzem dobras sobre os sentidos de seus trabalhos através da conjugação entre palavra e imagem. Nesse caminho, a constante presença da ausência, reafirma o infinito de possibilidades, onde qualquer possibilidade de certeza sobre sagrado e profano escapa pela graça.

exposições individuais selecionadas

- *Entre Livros*, Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *L'esperance, çe une douleur*, Centre Intermondes La Rochelle, La Rochelle, França (2023)
- *André Vargas - Fogo na Fuga*, Galeria Vermelho, São Paulo, Brasil (2022)

exposições coletivas selecionadas

- *Lélia em Nós: Festas Populares e Amefricanidades*, Sesc Vila Mariana, São Paulo, Brasil (2024)
- *Encruzilhadas da Arte Afro-brasileira*, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brasil (2023)
- *Funk: Um Grito de Ousadia e Liberdade*, Museu de Arte do Rio (MAR) Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Dos Brasis: Arte e Pensamento Negro*, Sesc Belenzinho, São Paulo, Brasil (2023)
- *Histórias Brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil (2021)

coleções selecionadas

- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

[← voltar para obras](#)

arjan martins

n. 1960, Mesquita, Brasil

vive e trabalha no Rio de Janeiro, Brasil

São latentes nas obras de Arjan Martins conceitos sobre migrações e outros deslocamentos de corpos e presenças entre espaços de luta e poder, o artista desenvolve uma técnica pictórica ímpar durante o processo de construção de suas telas e aborda as diásporas e os movimentos coloniais que se deram em territórios afro-atlânticos. Arjan elabora uma análise artística em tempo supra-real, sua imagética e a expressão de suas pulsões trabalham e reagem aos símbolos do período das expansões marítimas e da escravidão dos corpos negros, como a caravela, o globo terrestre em disputa, os africanos escravizados e as ferramentas de navegação como marcas desse tempo.

Nas palavras do artista: “Fui encontrando assuntos que estavam na história, na política, assuntos extra-aula de estética, assuntos mais urgentes que me levaram a essa necessidade de expressão através de um dispositivo articulado em vários suportes: parede, rua, muros, cidade, madeira, papel (...) Tem muito material que me torna um artista, mas não necessariamente são temas artísticos. Às vezes está dentro da ciência política, da economia, da história. Existe uma convergência de temas e de suportes também. O que pode me tornar um artista é um pouco o meu modo de receber essas informações e como eu as devolvo para o mundo”.

exposições individuais selecionadas

- *The Historian's Craft*, ICA Milano, Milão, Itália (2019)
- *O Estrangeiro*, Basilea Foundation, Basel, Suíça (2017)
- *Américas*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Desenhos*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2002)

exposições coletivas selecionadas

- *Vai, vai, Saudade*, Museo Madre, Nápoles, Itália (2024)
- *When We See Us: A Century of Black Figuration in Painting*, Kunstmuseum Basel, Basel, Suíça (2024)
- *Funk: Um Grito de Ousadia e Liberdade*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Dos Brasis: Arte e Pensamento Negro*, Sesc Belenzinho, São Paulo, Brasil (2023)
- 34a Bienal de São Paulo, Brasil (2021)

coleções selecionadas

- Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil

[← voltar para obras](#)

brígida baltar

n. 1959, Rio de Janeiro, Brasil
m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

O trabalho de Brígida Baltar transita entre as linguagens do vídeo, da performance, da instalação, do desenho e da escultura. A artista começou a desenvolver sua obra na década de 1990, por meio de pequenos gestos poéticos realizados na sua casa-ateliê, localizada em Botafogo, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Durante quase dez anos, Baltar colecionou os materiais da vida doméstica, como a água que escorria de goteiras no telhado ou a poeira marrom-avermelhada dos tijolos de barro das paredes. As ações caseiras, em seguida, expandiram-se para o ambiente exterior, originando obras como a série *Coletas*, em que ela busca capturar o orvalho e a maresia, dedicando-se à tarefa impossível de captar o intangível. Por outro lado, da poeira de tijolos resultaram, ainda, desenhos de montanhas e florestas cariocas feitos em papel ou diretamente sobre as paredes, entrelaçando seu trabalho passado com o atual, tornando-os mais do que meras descrições das elevações do terreno e das florestas.

Muitas vezes, a artista encontrou na fabulação um método de trabalho, aproximando e incorporando o humano e o animal, redefinindo nossa relação com o universo natural em trabalhos como *Maria Farinha*, *Casa de Abelha* e *Voar*. A relação entre corpo e abrigo, uma das tônicas de seu trabalho, é explicitada na série de esculturas em cerâmica dissolvidas pela artista, em que as formas de conchas do mar fundem-se com aquelas do corpo humano. No final de sua vida, a artista se debruçou sobre o bordado, produzindo trabalhos que se relacionam com seu corpo e, em especial, sua pele, reafirmando sua habilidade de abordar conceitos filosóficos e sensações a partir de sua própria experiência pessoal.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Brígida Baltar: Pontuações*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Brígida Baltar (1959-2022): To Make the World a Shelter*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Brígida Baltar: Filmes*, Espaço Cultural BNDES, Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *A carne do mar*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- SAM Art Project, Paris, França (2012)
- *O amor do pássaro rebelde*, Cavalariças, Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Brígida Baltar – Passagem Secreta*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Fullgás - Artes Visuais e Anos 1980 no Brasil*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Terra abrecaminhos*, Sesc Pompeia, São Paulo, Brasil (2023)
- *Meu corpo: Território de disputa*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *A dobra no horizonte*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2022)
- 12ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2020)
- *Alegria – A natureza-morta nas coleções MAM Rio*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *I Remember Earth*, Magasin des horizons, Centre d'arts et de Cultures, Grenoble, França (2019)
- *Neither-nor: Abstract Landscapes, Portraits and Still Lives*, Terra-Art Project, Londres, Reino Unido (2017)
- *Constructing Views: Experimental Film and Video from Brazil*, New Museum, Nova York, EUA (2010)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, EUA
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museum of Contemporary Art of Cleveland (MOCA), Cleveland, EUA

carlos bunga

n. 1975, Porto, Portugal

vive e trabalha em Barcelona, Espanha

Carlos Bunga cria obras de componente processual em vários formatos: esculturas, pinturas, desenhos, performances, vídeo e sobretudo instalações *in situ*, que se relacionam e intervêm no espaço arquitetônico em que se inserem.

Embora utilize frequentemente materiais comuns e despreziosos, como papelão e fita adesiva, seu trabalho envolve um grau altamente desenvolvido de cuidado estético e delicadeza, bem como uma complexidade conceitual derivada da inter-relação entre o fazer, o desfazer e o refazer, entre o micro e o macro e entre a investigação e a conclusão. Situando-se na fronteira entre a escultura e a pintura, suas obras, enganadoramente delicadas e frágeis, caracterizam-se por um intenso estudo da combinação da cor e da materialidade, ao mesmo tempo que enfatizam o aspecto performático do ato criativo.

As obras sobre papel de Bunga, intimamente relacionadas com as suas esculturas e instalações, envolvem frequentemente sobreposições, quer de elementos compositivos nas pinturas, quer de folhas de papel translúcidas nos desenhos. O resultado analítico/descritivo, como uma dupla exposição fotográfica, mimetiza a dupla experiência da memória e da imaginação subjacente à escultura.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Habitar Juntos*, Nara Roesler São Paulo, São Paulo, Brasil (2024)
- *Carlos Bunga: Performing Nature*, Centre d'Art Bomba Gens, Valencia, Espanha (2024)
- *Reassembling Spilt Light: An Immersive Installation*. Sarasota Art Museum, Sarasota, EUA (2023)
- *Against the extravagance of desire*, Palácio de Cristal, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid, Espanha (2022)
- *Something Necessary and Useful*, Whitechapel, Londres, Reino Unido (2020)
- *Carlos Bunga, Architecture of Life*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2020)
- *Capella, La Capella dels Àngels*, Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Coreografias do impossível*. 35ª Bienal de São Paulo, Brasil (2023)
- *Meia Noite*, Bienal de Coimbra, Coimbra, Portugal (2021)
- *Gigantisme*, Pôle d'Art Contemporain de Dunkerque, Dunkerque, França (2019)
- *Quote/Unquote*. Entre apropriação e diálogo, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2017)
- *The State of the Art of Architecture*, Bienal de Arquitetura de Chicago, Chicago, EUA (2015)

coleções selecionadas

- Fundação Serralves, Porto, Portugal
- Hammer Museum, Los Angeles, EUA
- Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal
- Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA), Barcelona, Espanha
- Museum of Contemporary Art, Detroit, EUA
- Coleção Patricia Phelps de Cisneros, Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Pérez Art Museum, Miami, EUA
- The Museum of Modern Art MoMA, Nova York, EUA

jaime lauriano

n. 1985, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Artista multimídia, Jaime Lauriano revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira por meio de vídeos, instalações, textos, pinturas e esculturas, tensionando marcadores sociais e narrativas históricas a partir de proposições críticas, seus trabalhos são capazes de revelar como as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contemporânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses, centrando-se, em indivíduos racializados. Nesse sentido, o artista se debruça sobre os traumas históricos de nossa cultura, compreendendo suas complexidades a partir do agenciamento de imagens e discursos provenientes das mais diversas fontes, sejam aquelas tidas como oficiais, como veículos de comunicação e propagandas de Estado; como as extra oficiais, como vídeos de linchamentos compartilhados pela internet.

Sua crítica se estende da macropolítica das esferas do poder oficial à micropolítica. Lauriano pensa o trauma não só em sua dimensão temporal, mas também espacial, valendo-se de formas de mapeamento a fim de questionar as disputas e construções territoriais coloniais. Outra dimensão de seu trabalho é a conexão com religiões ancestrais de matriz africana. O artista emprega signos e símbolos desses rituais, como a pomba branca, utilizada na feitura de seus mapas, compreendendo como a esfera religiosa foi fundamental para a resistência dos escravizados, servindo como espaço de manutenção de suas relações com o território ancestral.

[clique para ver o cv completo](#)

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Why don't you know about western remains?*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Aqui é o fim do mundo*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Paraíso da miragem*, Kubik Gallery, Porto, Portugal (2022)
- *Marcas*, Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil (2018)
- *Brinquedo de furar moletom*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2018)
- *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Impedimento*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *El Dorado: Myths of Gold*, Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *37º Panorama da Arte Brasileira*, São Paulo, Brasil (2022)
- *Social Fabric: Art and Activism in Contemporary Brazil*, Visual Arts Center, The University of Texas, Austin, EUA (2022)
- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Afro-Atlantic Histories*, National Gallery of Art, Washington DC, EUA (2022); Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA (2022)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil, 2021
- *11ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2018)

coleções selecionadas

- Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Schoepflin Stiftung, Lörrach, Alemanha

jonathas de andrade

n. 1982, Maceió, Brasil

vive e trabalha em Recife, Brasil

A fotografia, o vídeo e a instalação possuem papel central na produção do artista alagoano Jonathas de Andrade. Sua pesquisa muitas vezes envolve o diálogo com comunidades que participam da construção dos trabalhos, ampliando o alcance de vozes constantemente marginalizadas. Partindo do compromisso de costurar ficção e o documental, e em um constante exercício de reescrita da história, Jonathas busca nessa reinvenção a construção de alegorias e narrativas poéticas, que por sua vez funcionam como ferramentas potentes de questionamento das construções de gênero, classe e raça enraizadas na estrutura sociocultural brasileira.

“Penso que a existência artística, que não é privilégio dos artistas de profissão nem garantia a todos eles o tempo todo, tem a ver com um estado de atenção e emergência (...), além de uma disposição estética para a vida. Neste sentido, aquilo que trata a arte como campo isolado acaba interessando pouco. (...). Sinto força na arte pela capacidade de gerar energia em absoluta contradição e desordem dentro de um sistema; pela habilidade de tomar os xeques mates como impulso para o movimento e a transformação e não como emboscadas sem volta”.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Le Syndicat des Olympiades*, La Galerie, Noisy-le-Sec, França (2024)
- *Olho-Faísca*, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia (MAAT), Lisboa, Portugal (2023)
- *Com o coração saindo pela boca*, 2022, Pavilhão Brasil, 59ª Bienal de Veneza
- *Eye-Spark*, CRAC Alsace, Altkirch, França (2022)

[← voltar para obras](#)

-
- *O rebote do bote*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
 - *Staging Resistance*, Fotografiemuseum Amsterdam (Foam), Amsterdã, Holanda (2022)
 - *Jonathas de Andrade: One to One*, Museum of Contemporary Art Chicago (MCA), Chicago, EUA (2019) *Visões do Nordeste*, Museo Jumex, Cidade do México, México (2017)
 - *O peixe*, New Museum, Nova York, EUA (2017)
 - *Convocatória para um mobiliário nacional*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2016)
 - *Museu do Homem do Nordeste*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *O Mundo é o Teatro do Homem*, Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil (2022)
- *Casa carioca*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2020)
- *À Nordeste*, Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil (2019)
- 16ª e 12ª Bienal de Istambul, Istambul, Turquia (2019 e 2011)
- 13ª e 10ª Bienal de Sharjah, Emirados Árabes (2017 e 2011)
- 32ª e 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2016 e 2010)
- *The Ungovernables*, New Museum Triennial, Nova York, EUA (2012)
- 32º Panorama da Arte Brasileira, São Paulo, Brasil (2011)
- *Under the Same Sun: Art from Latin America Today*, Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA (2014)
- 12ª Bienal de Lyon, França (2013)
- New Museum Triennial, Nova York, EUA (2012)
- *Os primeiros dez anos*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museo del Barrio, Nova York, EUA
- Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia (MNCARS), Madri, Espanha
- Museum of Modern Art (MOMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

laura vinci

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Laura Vinci é conhecida por sua produção em esculturas, instalações de grande porte e intervenções. Sua pesquisa está baseada nas relações entre corpo e espaço, tendo como tônica a efemeridade. Em sua prática, o espaço desponta como um organismo complexo, mediador das relações entre os diversos corpos que o compõem e habitam, sem deixar de ser suscetível à constante passagem do tempo. Suas propostas buscam, justamente, investigar os processos de movimento ou alteração da matéria, evidenciando a transitoriedade dos elementos que ocupam determinado local, assim como estimular o público a ter novas percepções sobre o ambiente ao seu redor.

Vinci iniciou sua carreira em meados da década de 1980 dedicando-se, primeiro, à pintura. Nesse momento, suas telas não se voltavam à figuração, mas tentavam realizar o quase tridimensional. Em seguida, passou a se concentrar na escultura. O interesse pelas mudanças de estado da matéria aparece em sua poética tanto pela noção de erosão – como na intervenção conhecida como “ampulheta”, desenvolvida para o projeto Arte/Cidade 3 (1997), em São Paulo – quanto através da ideia de condensação, que se realiza no seu trabalho com serpentinas de refrigeração que formam palavras congeladas. Essas características também se fazem presente em seu trabalho como diretora de arte no teatro. Vinci já colaborou com projetos de cenografia e figurino no Teatro Oficina. Atualmente, trabalha com a mundana companhia.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *maquinamata*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *mundana +: Medeamaterial, mundana cia*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2019)
- *Todas as graças*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Papéis avulsos*, Art Center/South Florida, Miami, EUA (2014)
- *Carpe Diem Arte e Pesquisa*, Lisboa, Portugal (2010)
- *Warm White*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *El Dorado: Myths of Gold*, Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *Máquina do mundo: Arte e indústria no Brasil, 1901-2021*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *O rio dos navegantes*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, São Paulo, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Exposición 13*, La Conservera, Murcia, Espanha (2014)
- *Beuys e bem além, ensinar como arte*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)
- 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004)

coleções selecionadas

- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

← voltar para obras

marina camargo

n. 1980, Maceió, Brasil

vive e trabalha entre Porto Alegre, Brasil, e Berlim, Alemanha

A pesquisa de Marina Camargo Rio Grande do Sul (UFRGS). Sua pesquisa sempre esteve marcada por uma noção expandida de desenho, na qual imagem e pensamento se constituem mutuamente. Foi com a mudança para Barcelona, onde estudou Cultura Visual na Universitat de Barcelona, que temáticas relacionadas à cartografia e ao deslocamento passaram a ser recorrentes em seu trabalho. Para a artista, a representação cartográfica de espaços é um modo de pensar sobre as ordens do mundo: as diversas narrativas históricas, econômicas, políticas e sociais formam mapas de naturezas distintas. Apesar de serem baseados em dados da realidade, eles carregam sentidos que extrapolam a precisão científica. Marina Camargo verte a representação do mapa fazendo uso de diversas mídias e suportes— ora em instalações tridimensionais em borracha ou em metal, ora na forma de desenhos, fotografias, ampliações ou pinturas—, ultrapassando qualquer dimensão objetiva da cartografia. Interessa-lhe mais a falha dessas representações, aquilo que permanece incompleto nos relatos do mundo; são vestígios da representação do espaço, ruínas dos tempos históricos que marcam os espaços e lugares habitados. Mapas que são marcados por narrativas e textos contados sem palavras, mas articulados por um vocabulário próprio. Todo mapa é feito de invenção, todo mapa guarda uma dimensão narrativa que o aproxima de uma ficção.

exposições individuais selecionadas

- *Cartografias fluidas y otras metamorfosis del espacio*, Fundacion Gimenez Lorente, Valencia, Espanha (2022)
- *Shifting: Displaced*. Seattle Warehouse-Interloper, Seattle, EUA (2021)
- *Der ort danach / O lugar depois*, Universitat zu Koln, Colônia, Alemanha (2019)
- *Ensaio sobre uma ordem das coisas*, Goethe-Institut, Porto Alegre, Brasil (2015)

exposições coletivas selecionadas

- 37o Panorama da Arte brasileira, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Retina*, Zeis-Grossplanetarium, Berlim, Alemanha (2020)
- *Aprendendo com Miguel Bakun*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2019)
- 8a Bienal de Artes do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2011)

coleções selecionadas

- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Porto Alegre, Brasil
- Museu de Arte Aloísio Magalhães, Recife, Brasil
- Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil

[← voltar para obras](#)

nelson felix

n. 1954, Rio de Janeiro, Brasil

vive e trabalha em Nova Friburgo, Brasil

Formado em arquitetura, Nelson Felix começa seus estudos com Ivan Serpa, dedicando-se, no início dos anos 1980, ao desenho, carregado de matéria, obtido pela pressão contínua do grafite sobre o papel. Em meados dessa década, faz suas primeiras esculturas, utilizando materiais nobres, de forte tradição, como metal e mármore Carrara, mas também borracha macia, grafite maciço ou em pó e outros. Elementos geométricos e orgânicos lhe permitem uma experimentação tanto no campo da forma, quanto das relações que investigam tensões e problematizam as distinções entre natureza e cultura, corporalidade e transcendência, matéria e presença. Também nesse período, começa a definir alguns de seus trabalhos por séries, de longa realização no tempo. Toda a produção do artista é marcada por um caráter orgânico, revelando, ao mesmo tempo, uma dimensão plástica e aspectos míticos ou simbólicos. Assim, sua obra pode ser percebida em dois planos: um estritamente formal, que se apresenta aos olhos do observador, e outro sugerido, ao qual não se tem acesso diretamente.

exposições individuais selecionadas

- *Trilha para 2 lugares e trilha para 2 lugares*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *OOCO*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2015)
- *CantosreV*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2014)
- *Verso (meu ouro, deixo aqui)*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- *Composições para Tempos Insurgentes*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2021)
- 33a Bienal Internacional de São Paulo, Brasil (2018)
- *Ossos* – Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2017)
- *O Artista e a Bola*, Oca, São Paulo, Brasil (2014)

coleções selecionadas

- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil

[← voltar para obras](#)

paulo bruscky

n. 1949, Recife, Brasil

Paulo Bruscky é um dos expoentes da arte conceitual no Brasil e um dos principais precursores de diversas manifestações que envolvem arte, tecnologia e comunicação. Sua prática artística, baseada na ideia de arte como informação, é marcada pelo experimentalismo constante, resultando em um corpo de obras plural, composto por poesias visuais, livros de artista, performances, intervenções urbanas, filmes em Super-8 e trabalhos em novas mídias. A produção de Bruscky é também caracterizada pelo conteúdo de contestação social e política, resultado da sua postura crítica e militante, em parte concebida em contestação à ascensão de governos militares e o consequente estabelecimento de severos regimes ditatoriais em diversos países latino-americanos, incluindo o Brasil, durante um período que coincidiu com o início de sua trajetória.

Bruscky iniciou sua pesquisa no campo da arte conceitual nos anos 1960, participando, no final da década, do movimento poema/processo, por meio do qual estabeleceu contato com Robert Rehfeldt, membro do grupo Fluxus. Introduzido por Rehfeldt ao circuito internacional da Arte Postal, Bruscky ingressou no movimento em 1973, tornando-se um dos principais pioneiros dessa manifestação artística no Brasil. A partir de então, desenvolveu intenso diálogo com diversos artistas, principalmente os membros dos grupos Fluxus e Gutai, além de vários nomes da América Latina e do Leste Europeu – regiões com as quais o artista procurou privilegiar o contato, devido ao intenso processo de repressão política que os caracterizava na época. Grande parte de sua produção questiona as próprias funções da arte e as operações de seu sistema.

[clique para ver cv completo](#)

← voltar para obras

exposições individuais selecionadas

- *Banco de Ideias*. Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2023)
- *Paulo Bruscky. Eteceterate*, Fundación Luis Seoane, A Coruña, Espanha (2018)
- *Xeroperformance*, Americas Society / Council of the Americas (AS/COA), Nova York, EUA (2017)
- *Paulo Bruscky: Artist Books and Films, 1970–2013*, The Mistake Room, Los Angeles; Another Space, Nova York, EUA (2015)
- *Paulo Bruscky*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2014)
- *Paulo Bruscky: Art is our Last Hope*, Bronx Museum, Nova York, EUA (2013)
- *Ars brevis*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Ismo, Ismo, Ismo. Cine experimental en América Latina*, Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha (2019)
- *AI-5 50 anos – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *L'oeil écoute*, Centre Georges Pompidou, Paris, França (2018)
- *Memorias del subdesarrollo: el arte y el giro descolonial en América Latina, 1960–1985*, Museo de Arte de Lima (MALI), Lima, Peru; Museo Jumex, Cidade do México, México (2018)
- 57ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (2017)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Brasil (2015)
- 29ª Bienal de São Paulo, Brasil (2010)

coleções selecionadas

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Stedelijk Museum, Amsterdam, Holanda
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

paulo nazareth

n. 1977, Governador Valadares, Brasil
vive e trabalha em Santa Luzia, Brasil

Artista performático, é conhecido por suas andanças ao redor do mundo. Seu trabalho questiona os limites da performance como linguagem artística: não se constitui pelos objetos que produz, mas pelo comportamento do próprio artista, que define suas obras como uma “arte de conduta”. Tornou-se conhecido a partir de 2010, quando deixou a comunidade de Palmital, em Belo Horizonte, para participar da feira Miami Basel, nos Estados Unidos. Realizou o percurso a pé ou, em alguns trechos, de carona. Durante a viagem, que durou cinco meses, produziu registros escritos e em imagem. Fotografou-se com cartazes e anúncios ao longo do trajeto na performance Notícias da América (2011-2012). Há certa dose de ritualismo na caminhada – o artista afirma ter lavado os pés somente na chegada da viagem, no rio Hudson, onde teria deixado um pouco da terra da América Latina. É desse modo que se pode pensar sua produção como uma discussão geopolítica.

Sua obra é muitas vezes resultado de gestos precisos e simples, que trazem ramificações mais amplas, sensibilizando para questões ligadas à imigração, racismo e colonialismo. Embora seu trabalho possa se manifestar em vídeo, fotografia e objetos colecionados, seu meio mais forte é o cultivo e construção de relacionamentos com indivíduos que cruzam o seu caminho – especialmente aqueles colocados à margem devido ao seu status legal ou reprimidos pelas autoridades governamentais.

exposições individuais selecionadas

- *Luzia*, Museo Tamayo, Cidade do México, México (2024)
- *Esconjuro*, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2024)
- *En la casa de mi Hermano*, Projectos Ultravioleta, Cidade da Guatemala, Guatemala (2023)
- *Birdman*, Stevenson, Amsterdam, Países Baixos (2022)
- *The Journal*, Institute for Contemporary Arts, Londres, Reino Unido (2012)

exposições coletivas selecionadas

- *Chosen Memories*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2023)
- *Brasil Futuro: As Formas da Democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *Histórias Brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- 34a Bienal de São Paulo, Brasil (2021)
- *Beyond the Black Atlantic*, Kunstverein Hannover, Hannover, Alemanha (2020)

coleções selecionadas

- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Museo Thyssen-Bornemisza, Madrid, Espanha
- Perez Art Museum Miami (PAMM), Miami, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- The Museum of Fine Arts, Houston, EUA
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil

← voltar para obras

rivane neuenschwander

n. 1967, Belo Horizonte, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

Desde os anos 1990, Rivane Neuenschwander elege como material de sua produção elementos das trocas sociais, das lembranças ou do consumo. Em suas instalações, que vão do minucioso ao desenho ampliado de espaços inteiros, Neuenschwander traduz o caráter intercomunicante dos sistemas vivos. Em desenhos, pinturas, tapeçarias e vídeos, a artista opera o cruzamento de seu repertório plástico com a ciência, a história e a psicologia, a linguística e a literatura, de modo a articular assuntos prementes da política contemporânea. Acoplando a ação e a presença de corpos humanos e inumanos a substratos conceituais, os seus trabalhos dependem dos coletivos que levaram à sua elaboração, evidenciando o outro como parte fundamental de cada obra.

exposições individuais selecionadas

- *Tangolomango*, Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil (2024)
- *Sementes Selvagens*, Serralves, Porto, Portugal (2022)
- *Rivane Neuenschwander*, East Tank, Tate Modern, Londres, Reino Unido (2021)
- *O Nome do Medo*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *The Name of Fear*, Whitechapel Gallery, Londres, Reino Unido (2015)

exposições coletivas selecionadas

- *Delírio tropical*, Pinacoteca do Ceará, Fortaleza, Brasil (2024)
- *Surrounds: 11 Installations*, Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA (2019)
- *Passado/futuro/presente: arte contemporânea brasileira no acervo do MAM*, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (2019)
- *Art and Space*, Guggenheim Bilbao, Bilbao, Espanha (2017)

coleções selecionadas

- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, EUA
- Walker Art Center, Minneapolis, EUA

[← voltar para obras](#)

runo lagomarsino

n. 1977, Lund, Suécia

vive e trabalha entre Malmo, Suécia, e São Paulo, Brasil

Trabalhando com uma variedade de materiais e meios, como instalação, escultura, desenho, performance e ações, o trabalho de Lagomarsino aponta para lacunas e rachaduras em nossos modelos explicativos e supostas verdades, destacando a precariedade dos fundamentos da linguagem. Temas como linguagem, geografia e historiografia são recorrentes na prática artística de Lagomarsino, que utiliza materiais que evocam memórias e conexões, apenas para provocar reflexões sobre as condições que as possibilitam. Por meio de deslocamentos precisos e poéticos, ele constrói fricções, fraturas e pontos cegos, criando espaços onde outras histórias podem ser contadas.

Nas palavras do artista: “Nasci em meio ao exílio de meus pais, mas meu próprio movimento repetido entre a Suécia e o Brasil me tornou ainda mais sensível às distâncias e proximidades entre o que é conhecido como Sul e Norte. Isso me forçou a rearticular muitos aspectos de meu pensamento e provocou uma mudança importante em meu trabalho, que pode ser vista mais claramente em relação a questões de representação, geografia, memória e diáspora. A diferença não está no tema; todos esses são tópicos com os quais estou muito envolvido há muito tempo, mas a mudança - do(s) meu(s) lugar(es) - também transformou as maneiras como abordo essas questões, os processos através dos quais meus trabalhos são produzidos, sua materialidade. Eles não apenas “falam” sobre geografia, nossas conexões com o passado colonial e o deslocamento, mas também incorporam esses elementos, acentuando uma experiência material que pode carregar a complexa jornada e o movimento da geopolítica “, explica.

exposições individuais selecionadas

- *Silence Answers All*, Marabouparken Art Gallery, Estocolmo, Suécia (2024)
- *É o caminho de casa que nos afarta*, Mendes Wood DM e Galeria Vermelho, São Paulo, Brasil (2024)
- *No one would have believed*, Netwerk Aalst Center for Contemporary Art, Aalst, Bélgica (2020)
- *We believe to be a country and the truth is we barely a landscape*, Smaland Cultural Park, Vaxjo, Suécia (2019)
- *Concentrations 61: Runo Lagomarsino*, EntreMundos, Dallas Museum of Art, Dallas, EUA (2018)

exposições coletivas selecionadas

- *Inseparable Distance*, Pavilhão da Suécia da 15a Bienal de Gwangju, Coreia do Sul (2024)
- *Fantastic and Horrific - Marija Prymatkenko and works from the Moderna Museet Collection*, Moderna Museum, Malmo, Suécia (2024)
- *Conversas entre Coleções*, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *The Four Cardinal Points are Three: the South and the North*, CRAC Alsace, Altkirch, França (2022)

coleções selecionadas

- Guggenheim Museum, Nova York, EUA
- Dallas Museum of Art, Dallas, EUA
- Cisneros Fontanals Art Foundation, Miami, EUA
- Modern Museum, Estocolmo, Suécia
- The National Museum of Art, Oslo, Noruega
- Guangdong Museum of Art, Guangdong, China

← voltar para obras

talles lopes

n. 1997, Guarujá, Brasil

vive e trabalha em Anápolis, Brasil

Os trabalhos de Talles Lopes propõe refletir sobre uma cartografia que vai além de suas funções clássicas, a dos mapas, estão repletos de questões de ordem social e cultural implícitas, oferecendo ao fruidor elementos discursivos para pensar as condições do homem contemporâneo no espaço em que ele habita. Gráficos com dados estatísticos sobre assentamentos rurais, ocupações, renda domiciliar, características étnico-raciais da população brasileira, alinhavam a narrativa poética do artista.

O artista se dedica, em seus trabalhos mais recentes, a construir uma narrativa poética em torno de temas como a polarização entre centro e periferia, cenário no qual cabe a esta última o papel de sujeito passivo, sem autonomia e sem voz. Para isto, tem se debruçado sobre mapas do Brasil Colônia e da América Portuguesa, relacionando-os com mapas produzidos às épocas dos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Em todos eles o que se percebe é a regionalização do Brasil no eixo Leste/Oeste, onde o primeiro é o Ocidente desenvolvido e o segundo representa o espaço a ser conquistado, domesticado, salvo de seu atraso sócio-cultural-econômico.

Refletir sobre as consequências dessa herança colonial no circuito das artes, no Brasil, e sobre as possibilidades de resistência para reverter esse discurso é o que motiva o artista a construir sua narrativa poética.

exposições individuais selecionadas

- *Paisagem Aclimatada*, Cerrado Galeria, Goiânia, Brasil (2024)
- *O Outro do Outro*, Institute for Public Architecture, Nova York, EUA (2023)
- *Ni Siquiera he ido a Río*, Taller El Despacho, Santa Cruz de Tenerife, Espanha (2021)
- *Excedente Monumental*, Museu de Artes Plásticas de Anápolis, Anápolis, Brasil (2021)

exposições coletivas selecionadas

- *O Centro é o Oeste Insurgente*, Cerrado Galeria, Goiânia, Brasil (2024)
- *Essas Pessoas na Sala de Jantar*, Fundação Eva Klabin, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Dos Brasis: Arte e Pensamento Negro*, Sesc Belenzinho, São Paulo, Brasil (2023)
- *Concretos*, Museo de Arte Contemporáneo de Castilla y León, León, Espanha (2023)
- *Histórias Brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)

[← voltar para obras](#)

vanderlei lopes

n. 1973, Terra Boa, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

A prática de Vanderlei Lopes é permeada pela experimentação com linguagens e materiais distintos, que se desdobram em seu trabalho escultórico. Lopes discute a tradição artística, ideias de representação e de circulação, assim como processos de construção social e cultural. Sua obra interpela e fricciona os diversos espaços em que se insere. Suas esculturas possuem um caráter indicial, quase fotográfico, a medida em que são estampadas a partir de objetos e situações do cotidiano. Assim, nelas a ideia de temporalidade surge em seu trabalho, em constante fricção, entre distâncias históricas e o aqui-agora imediato.

exposições individuais selecionadas

- *Domo*, Capela do Morumbi, São Paulo, Brasil (2017)
- *Grilagem*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2014)
- *Horas seculares e instantâneas*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói, Niterói, Brasil (2011)
- *Powderhead*, Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo, Brasil (2004)

exposições coletivas selecionadas

- *Mapa: novas obras no acervo da Pinacoteca*, , Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *22ª Bienal de Arte Paiz: Perdidos. En Medio. Juntos*, Ciudad de Guatemala, Guatemala (2021)
- *Rua!*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2020)
- *São Paulo não é uma cidade – Invenções do centro*, Sesc 24 de Maio, São Paulo, Brasil (2017)
- *Gold Rush*, De Saisset Museum, Santa Clara, EUA (2016)

coleções selecionadas

- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

[← voltar para obras](#)

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art